

ASPECTOS ARTÍSTICOS DA IGREJA DOS CONGREGADOS EM MEADOS DO SÉCULO XVIII

por **Natália Marinho**

e

Joaquim J. B. Ferreira Alves

Fundada a Congregação do Oratório do Porto, em 1680¹, foi doada aos Congregados a Capela de Santo António da Porta de Carros², na qual exerceram o culto até 1694.

Dois documentos de 1683, o primeiro de 8 de Novembro³ e o segundo de 15 do mesmo mês⁴ permitem-nos conhecer que, após as obras efectuadas em 1680, para albergar os oratorianos, os padres se preocuparam em concluir a capela, encarregando Manuel Fernandes e outros mestres pedreiros⁵ todos moradores na freguesia de Santo Ildefonso, de dar execução a essas transformações⁶, segundo a planta de Domingos Nunes, devendo estas ser vistoriadas por Manuel Rodrigues⁷, ou, na sua falta, pelo sobrinho, Manuel Rebelo⁸, ambos de Vila Nova de Gaia. A obra de carpintaria, por sua vez, é entregue a José dos Santos e a seu cunhado Gabriel Ribeiro, moradores na freguesia de Santo Ildefonso. Estas e outras obras irão prolongar-se até inícios da

¹ Eugénio dos Santos, *O Oratório no Norte de Portugal (1673-1834)*, Porto, 1977, pp. 125-143 (dissertação de doutoramento, dactilografada).

² Fundada pela Confraria de Santo António na segunda metade do século XVII, foi doada pela Câmara em escritura de 14 de Agosto de 1680. Cf. Luís de Sousa Couto, *Origem das Procissões da Cidade do Porto*, Porto, 1937, pp. 171-175.

³ Arquivo Distrital do Porto, PO-4.º-76, fls. 110 v.-113 v.

⁴ A. D. P., PO-4.º-76, fls. 118 v.-120.

⁵ Baltazar dos Reis, Manuel Gomes, João Gonçalves, António Fernandes e António da Costa. Este último deve ser o mesmo que, em 1681 trabalha na sede da Santa Casa da Misericórdia do Porto. Cf. A. de Magalhães Basto, *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*, Porto, 1964, pp. 165-166.

⁶ Uma parede na nave da capela, do lado nascente, com uma capela na dita parede, uma porta no cruzeiro, meia parede para o altar e retábulo colateral.

⁷ A. de Magalhães Basto, *op. cit.*, p. 494.

⁸ Idem, pp. 479-480.

última década do século XVII, altura em que se constrói a igreja dos Congregados, uma das mais notáveis da cidade do Porto que, até hoje, não mereceu um estudo detalhado de acordo com a sua importância⁹.

Através das Memórias da Congregação do Oratório¹⁰ escritas pelo Padre Bento José, entre 1741 e 1742¹¹, podemos reconstituir pormenorizadamente a Igreja da Congregação do Oratório de Nossa Senhora da Assumpção¹².

Os alicerces para a nova igreja¹³ principiaram-se a 12 de Julho de 1694, abertos «em pouca distancia dos muros da Cidade bem defronte da Porta de Carros», tendo-se lançado a primeira pedra a 5 de Agosto do mesmo ano¹⁴. As obras estenderam-se até 1703¹⁵, sendo a igreja de grandes proporções¹⁶, com uma só nave de tijolo, havendo-se aproveitado parte da capela de Santo António, para capela-mor¹⁷. Duas magníficas portas, uma para o oratório velho e outra para o oratório novo e sacristia, rematavam lateralmente o cruzeiro¹⁸.

Dezoito frestas, entre maiores e menores, encontravam-se dispostas harmoniosamente por todo o templo; três de notável grandeza, cada uma sobre as portas da fachada¹⁹, viradas a sul;

⁹ Das várias referências que existem sobre a Igreja dos Congregados destacamos as descrições feitas por: Henrique Duarte e Sousa Reis, *Apostamentos para a verdadeira história antiga e moderna do Porto*, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Ms. 1272, IV; Carlos de Passos, *Guia Histórica e Artística do Porto*, Porto, 1935, pp. 91-100; Bernardo Xavier Coutinho, «Arte: do barroco ao neo-classicismo», *História da cidade do Porto*, III, Porto, 1965, pp. 100-105.

¹⁰ *Memórias da Congregação do Oratório da Cidade do Porto compendiadas pelo trabalho e deligência do Padre Bento José da mesma Congregação a que deu principio em 29 de Abril de 1741*, B. P. M. P., Ms. 1337.

¹¹ Eugénio dos Santos, *Bento José. Memorialista da Congregação do Oratório do Porto* (Sep. da «Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto», II, 1971), Porto, 1972, p. 16.

¹² Eugénio dos Santos, *A Congregação do Oratório do Porto. Subsídios para a sua história*, Porto, 1968, pp. 160-163 (dissertação de licenciatura, dactilografada).

¹³ O risco da nova igreja poderá ser atribuído a Domingos Nunes que aparece ligado à obra da abóbada, entre 1699 e 1701. A. N. T. T., *Congregação do Oratório do Porto*, Livro n.º 4, fls. 13-13 v.

¹⁴ B. P. M. P., Ms. 1337, fl. 33 v.

¹⁵ *Idem*, fl. 33 v.

¹⁶ Tem «de altura tomada desde o ponto mais alto da volta da abobeda athe o pavimento noventa e quatro palmos; tem de largura 54; de comprimento, começando huma linha do fundo da cappella mor athe a porta cento, e setenta e oito palmos, divididos deste modo; a capella mor 53, da largura do cruzeiro trinta palmos, e meio [...] o cruzeiro tem de comprimento 85 palmos». *Ibidem*, fl. 34.

¹⁷ *Ibidem*, fl. 33 v. A capela mor «he de abobeda de pedra, tem de altura sincoenta e sinco palmos, e de largura trinta e sinco». *Ibidem*, fl. 34.

¹⁸ *Ibidem*, fl. 34.

¹⁹ Como se deduz de um desenho do século XVIII, de autor desconhecido, do Largo da Feira de S. Bento e Porta de Carros.

Segundo George Kubler, a fachada Igreja dos Congregados é um bom exemplo do gosto pelos esquemas decorativos extraídos de fontes holan-

no compo da igreja, três de cada lado, viradas a poente e a nascente; seis nas cabeceiras do cruzeiro; duas na capela-mor e ainda uma outra sobre o arco cruzeiro. Nem todas estas frestas contribuíam para a iluminação do interior da igreja, visto algumas delas darem directamente para os corredores que serviam de tribunas²⁰.

No interior da igreja existiam sete altares: o altar-mor; dois colaterais, um do lado da Epístola e outro do lado do Evangelho e os quatro restantes dispostos na nave, dois a dois.

Na tribuna do altar-mor, toda de talha feita «à moderna», sobressaía uma formosa imagem de Nossa Senhora da Assumpção «sobre uma vistosa nuvem povoada de inumeráveis anjos»²¹. Da mesma talha era todo o vão da tribuna, o retábulo e as paredes da capela-mor, onde se encontravam encaixilhados seis grandes painéis, três de cada lado, de magnificas pinturas, representando do lado do Evangelho, a Coroação da Virgem, S. Filipe de Néri dizendo missa e S. Francisco de Sales na sua sagração, e do lado da Epístola a Morte de Nossa Senhora, a Aparição de Nossa Senhora a Santo António e S. Tomás de Vila Nova²². Por baixo da talha destas paredes corria um lambril de azulejo. O sacrário, «obra mais meuda e primorosa», era ladeado à direita, por uma imagem de Santo António, e à esquerda, por uma de S. Filipe de Néri, «estátuas ambas grandes e formosas de igual tamanho».

No altar colateral do lado do Evangelho era venerada uma grande e devota imagem de Cristo Crucificado, vendo-se, entre as colunas, S. Pedro e S. Patrício. No do lado da Epístola, autêntico altar relicário, por trás da Sagrada Família na Fuga para o Egipto, existia um grande vão coberto pela talha do mesmo retábulo, amovível, para na altura do Natal ficar exposto «hum engraçado presepe, pella variedade miudeza e perfeição das figuras». Entre as colunas do retábulo destacavam-se as imagens de S. Miguel e do Anjo Custódio. Ainda neste altar eram objecto de especial veneração três grandes relíquias, sendo a mais importante a de Sant'Angelo²³.

desas e flamengas observados na arquitectura do Norte de Portugal, nos finais do século XVII. Cf. George Kubler, Martin Soria, *Art and Architecture in Spain and Portugal and their American Dominions. 1500 to 1800*, Harmondsworth, 1959, pp. 108-109.

²⁰ B. P. M. P., Ms. 1337, fl. 34.

²¹ Fez-se em 1697 «hua coroa de prata para a Senhora do altar mor, que emportou vinte e tantos mil reis, a qual se fez de outra velha, e o que faltou que seria outro tanto deo o Reverendo Padre Prepozito». A. D. P., Congregação do Oratório, Livro n.º 12, fl. 297 v.

²² B. P. M. P., Ms. 1337, fl. 34. Esta obra foi mandada executar, a suas expensas, por D. Tomás de Almeida, Bispo do Porto, de 1709 a 1717. Cf. Eugénio dos Santos, *O Oratório no Norte de Portugal (1675-1884)*, Porto, 1977, p. 142 (dissertação de doutoramento dactilografada).

²³ Eram quarenta e dois os receptáculos para receberem relíquias, embora nem todos as contivessem. Este altar demonstra o incremento dado pelos Oratorianos ao culto das relíquias. Cf. Eugénio dos Santos, *op. cit.*, pp. 298-302.

Os quatro altares do corpo da igreja dispunham-se dois do lado da Epístola e dois do lado do Evangelho.

Do lado da Epístola, vindo do cruzeiro, o altar de Santa Ana²⁴, famoso no Porto não só pela devota imagem «magestoza e veneranda», mas também «pella grande riqueza da sua armação»; e o de S. Francisco de Sales, onde estavam colocadas diversas imagens, entre as quais a de S. Gonçalo e a de S. Caetano²⁵.

Em frente ao altar de Santa Ana ficava o da Senhora da Nazaré²⁶, imagem «perfeitíssima e de muita devoção». Aí se encontravam também as imagens de Santa Catarina, Santa Bárbara, S. Sebastião e Santa Teresa de Jesus. Do mesmo lado do Evangelho, o altar de S. João Baptista²⁷, onde se veneravam igualmente Santa Maria Madalena, S. Francisco Xavier, e, a partir de 1740, Santo Elíado e Santo Acácio²⁸.

Todos os altares estavam inseridos na espessura da parede mas, de tal maneira que era possível aos fiéis ouvirem missa em todos eles, quer estando no coro, quer no meio da nave, onde, para além de dois imponentes púlpitos, junto ao cruzeiro, se dispunham os confessionários, sete de cada lado, em duas «teyas» de madeira, que dividiam a igreja em três «naves», e que se estendiam desde as grades do cruzeiro até às duas colunas que sustentavam o coro²⁹.

Com esta descrição de 1741, e a apresentação dos documentos mencionados, pretendemos chamar a atenção para este monumento que brevemente irá ser objecto de estudo sistemático.

²⁴ Em 1703, o «Corregedor do Cível deo para ajuda do retabulo de Santa Anna que hade fazer vinte e quatro mil reis de esmolla». A. D. P., Congregação do Oratório, Livro n.º 12, fl. 341 v.

²⁵ No mesmo ano compraram-se as imagens de S. Francisco de Sales, S. Caetano e de S. Gonçalo. A. D. P., *idem*.

²⁶ Ainda em 1703, na imagem de Nossa Senhora da Nazaré, retábulo «e outras meudezas» gastaram-se 18 000 reis. A. D. P., *idem*.

²⁷ De novo no mesmo ano na imagem de S. João Baptista gastaram-se 16 600 reis. A. D. P., *idem*.

²⁸ De «há hum anno a esta parte se collocarão nelle com grande festa de soldados as Imagens dos gloriozos Martires, e em tudo verdadeiros imitadores de Christo passiente Santo Elíado, e Santo Acaçio, hum general, outro Capitão dos dez mil martires». B. P. M. P., Ms. 1337, fls. 35-35 v.

²⁹ «O coro tem de comprimento; quanto a Igreja tem de largura; e tem de largo vinte coatro palmos: esta todo a roda sem divisão goarnecido de bancos, e archibancos com seus espaldares altos de castanho: tem intrada por hum, e outro lado por duas grandes portas; e de hum lado, e de outro tem antecoro: sobre as grades do coro, que são grossas e pintadas a similhaça de jaspe, está huma devota Imagem de Christo Crucificado debaixo de hum docel; ao lado direito do coro está hum orgão de boaz vozes pintado de charão, obra que fez o Padre Luis do Reys sendo Perfeito do Coro». B. P. M. P., *idem*, fls. 35 v.-36.